

Resistencia e Integración. El Peronismo y la Clase Trabajadora Argentina, 1946-1976, de Daniel James. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1990. Tradução para o espanhol: Luís Justo.

Norberto O. Ferreras *

Os historiadores sociais demoraram para avançar sobre um tema tabu na Academia argentina: o peronismo. Durante muito tempo o peronismo foi campo de trabalho, e não de disputa, para sociólogos, cientistas políticos e economistas. Porém, com maior ou menor grau de sofisticação, suas conclusões são similares: o peronismo era a consequência de um crescimento industrial acelerado, produto da necessária substituição de importações durante a II Guerra Mundial e das mudanças na composição da classe operária com a chegada dos migrantes internos. Sem muita sofisticação, poderíamos concluir que o peronismo seria, então, uma aberração. Uma anormalidade dentro do que deveria ser a normalidade no desenvolvimento do capitalismo. Não estariam tão errados os desprezados marxistas-peronistas, como Hernandez Arregui, que se referiu ao peronismo como um “*fenómeno maldito del país burgués*”.

Para analisar o peronismo, os “estudiosos” têm gerado uma série de pares opostos: modernidade ou tradição, autonomia ou heteronomia, consciência de classe ou falsa consciência etc., o que tem acabado por reforçar a tese da *aberração* e obscurecido a análise das opções de classe ou a possibilidade de defrontarmos com os diversos peronismos possíveis – o nacionalista dos militares, o industrialista dos novos empresários, o radical de Evita, o trabalhista dos sindicalistas, o sindicalista dos operários, o

* Doutorando em história social pela Unicamp.

místico das donas de casas e *villeros*, o socialista de Cooke, o social-democrata do velho dirigente socialista Enrique Dickman etc.

Pode ser que por sua origem não argentina – ele é britânico –, e uma conseqüente falta de necessidade de se posicionar diante do peronismo, tenham permitido a Daniel James deixar as explicações estruturais e mergulhar no oceano do peronismo, procurando os relevos e contornos do substrato desse oceano – os elementos que nos permitem compreender o porquê das formas das ondas (violentas ou calmas, com maior ou menor altura e força de impacto), quando se agitam as águas da superfície movidas por ventos e marés.

É por aí que temos que procurar o objetivo de James. Na Introdução, reclama da “*persistente incapacidad de la mayor parte de la teoría académica de captar adecuadamente la complejidad de la experiencia de la clase trabajadora*” (p. 13). Desse modo, ele vai tentar preencher esse vazio: analisar a complexidade da experiência da classe trabalhadora. Encarar esse objetivo para um período absolutamente descuidado pelos historiadores, antes e depois de James, é uma atitude corajosa. Talvez mais corajosa ainda se pensarmos que os testemunhos orais, como grande parte da pesquisa *in situ*, foram logrados entre 1974 (momento de refluxo dos movimentos populares) e 1977 (auge da repressão).

O livro é um *tour de force*, é uma luta para dar um tratamento enquadrado no âmbito da história social a uma questão até então reservada à política – à ciência política, à prática política. James tenta furar o bloqueio, colocando em ação os autores e os conceitos clássicos da história social. Pelo livro desfilam, explicitamente, Raymond Williams e Gareth Stedman Jones e, implicitamente, E.P. Thompson. Os achados desses autores entram em jogo várias vezes para explicar e compreender o que, para outros autores e analistas, tem sido inescrutável: o porquê de a classe trabalhadora argentina – a mais bem organizada e a mais ideologizada da América Latina, com um partido de classe forte como o Partido Socialista –, ter aderido em massa a Perón, individualmente e por intermédio de suas organizações.

Neste sentido, a primeira parte do livro é reveladora. É aí que o autor é mais ousado e inovador. James consegue articular a produção prévia sobre o peronismo a *insights* renovadores, como a análise do discurso de Perón e da iconografia – com a avaliação da experiência da *Década Infame* – e com o uso da história oral, fazendo emergirem as vozes esquecidas que nos permitem compreender o período. As colocações de dois dos entrevistados de James são reveladoras – tanto do impacto de Perón e de suas práticas políticas sobre os trabalhadores como do uso da história oral. Comparando suas vivências da “década infame” (o período que vai de 1930 a 1943, hegemonizado por governos conservadores eleitos mediante a manipulação das eleições, o chamado *Fraude Patriótico*), ambos se apresentam como impedidos de atuar diante das represálias (“*No había muchos obreros que quisieran ser héroes*”, p. 46) e o que mudou com a aparição de Perón na cena política (“*Bueno, con Perón todos eramos machos*”, p. 45).

O esforço feito na primeira parte do livro perde um pouco de seu impulso na seqüência do trabalho – não por ter sido gasta toda a carga de inovação, mas porque o autor tem de se defrontar à carência de estudos prévios. Ele deve montar seu esquema praticamente a partir do nada. Basta verificar as notas dos capítulos das partes seguintes, as quais denotam uma ampla utilização de fontes, orais e escritas, para poder montar os capítulos e partes do “peronismo sem Perón”.

Na parte 2, o autor retoma a tradição narrativa da história política para poder reconstruir a *Resistencia Peronista*. A *Resistencia* foi a epopéia de operários e militantes desorganizados e desnorteados que, às vezes em grupos pequenos, às vezes individualmente, infernizaram a vida dos “gorilas” – fossem estes chefes no trabalho, políticos golpistas ou militares – como forma de ratificar sua lealdade e de se reafirmar como indivíduos livres, na tradição do anarquismo individualista. (Não será esta uma questão a ser pesquisada, a da persistência das tradições e práticas pré-peronistas e sua adaptação a novos contextos, em lugar de pensar o peronismo como o “*diluvio*”?)

A fim de poder compreender essa atitude do operariado, James se defronta à questão da *experiência*. Para sua análise da experiência e das

contradições dos peronistas, ele procura Raymond Williams e seu livro *Marxismo e literatura*. O que poderia ter resultado incongruente é, a meu entender, um dos melhores lances do trabalho: a *Resistencia Peronista* como uma *estrutura de sentimentos*. As ambigüidades e os elementos do contradiscurso estão submersos como *sentimentos* e unidos como uma *estrutura*. Mas o que dá unidade a essa estrutura? A certeza da infalibilidade do líder, a certeza da conspiração anti-peronista – e portanto, anti-operária e anti-popular. O que estrutura os sentimentos não é dado pela presença de Perón, mas por sua ausência – embora a idealização seja mais um dos sentimentos dessa estrutura.

Porém, essa experiência coletiva não é apresentada com clareza pelo autor, e sua apresentação no nível dos militantes da base perde a racionalidade que possui na correspondência entre Perón e o seu delegado e articulador político John William Cooke (*Perón-Cooke. Correspondencia*. Buenos Aires, Papiro, 1972) Era tão espontânea a *Resistencia*? Qual seu grau de organização? Que importância tinha na estratégia peronista? Estas são algumas das perguntas que restam a responder com maior precisão do que faz James.

As partes 3 e 4 do livro destinam-se a estabelecer a conformação e o funcionamento do poder sindical na ausência da Perón. O pragmatismo político dos novos dirigentes sindicais surgidos durante o período da *Resistencia* – em muitos casos como seus membros – é colocado como forma de relativizar o potencial transformador e até peronista dos mesmos. As relações entre esses novos grupos de sindicalistas, o Estado e Perón foram estudadas pela demonstração da complexidade da identidade peronista. Perón era fonte de legitimidade ante seus dirigidos e, ao mesmo tempo, uma fonte de atrito com o poder político e econômico. Este era um dos principais elementos de confrontação e o que impossibilitava os sindicalistas de ser *integrados* ou reintegrados plenamente ao esquema do poder estatal.

A parte final do livro mostra a fragilidade desse esquema diante da emergência de novos atores e ante à radicalização da cena política da Argentina. Os conflitos e disputas entre peronistas e outros grupos com forte

presença nas instituições da classe operária, como nos sindicatos do interior do país, e especificamente na Córdoba dos sindicatos clasistas – os sindicatos organizados no nível das empresas e agrupados em SITRAC-SITRAM, que desafiaram o poder da CGT dos peronistas ortodoxos e eram liderados por Agustín Tosco e Raúl Salamanca, ambos de origem marxista – colocaram em evidência os conflitos reprimidos e os limites tendentes à hegemonização dos sindicalistas pragmáticos, que tinham sustentado seu poder na negociação e na política de conflitos controlados como forma de atuar sobre o poder econômico e, inclusive, como forma de atuar na política. A irrupção sem seu controle dos operários e do novo ator que era a juventude provocou uma crise que só podia ser contornada pelo retorno de Perón – único objetivo comum entre os radicalizados novos atores e os sindicalistas – ainda que a contragosto destes últimos. Na última parte, James faz uma interessante reflexão sobre os limites do sindicalismo e da análise centrada na *consciência de classe*, confrontando teoria e experiência, resgatando e tentando definir o carácter herético – “*maldito*” – do peronismo.

Esse trabalho, publicado em espanhol em 1990, encontra um estimulante complemento numa obra recente, e não necessariamente acadêmica, do periodista Miguel Bonasso. Em seu *El presidente que no fué. Los archivos ocultos del peronismo* (Buenos Aires, Planeta, 1997). Bonasso centra-se na experiência de um homem (o presidente que não foi) que sempre esteve na primeira linha do peronismo, exceto no período estudado por James: o da *Resistencia*. Esse homem é Hector José Campora, presidente durante 49 dias, de 25 de maio a 13 de julho de 1973, interregno entre o poder militar e o último governo de Perón. Ao concentrar-se numa pessoa só, imersa no contexto da política argentina de 1943 a 1973, o autor permite-nos acompanhar os vaivéns não só da tática de Perón e sua relação com a política, quanto observar o período através de um dos atores centrais, especialmente no período da radicalização de finais da década de 60 e início de 70.

Este livro dá um tom mais próximo à estrutura de sentimentos perseguida por James, e revela elementos centrais do *ethos* peronista – como

a lealdade à principal liderança, a condução pendular entre esquerda e direita do Movimento Peronista feita por Perón, os limites ou a incapacidade de construir um peronismo sem Perón e ainda contra Perón, como tentaram os *Montoneros* nos últimos dias de vida de Perón –, ausentes em sua análise.

Duas frases poderiam sintetizar as dificuldades enfrentadas até o momento por ambos os pesquisadores, e que têm sido inteligentemente assumidas pelo mesmos. Estas frases mostram a imbricação da relação entre o peronismo e o “argentino”. A primeira é “*Pero si yo siempre fui peronista, yo nunca me metí en política*” (Osvaldo Soriano, *No habrá más penas ni olvidos*); a outra é a de Miguel Bonasso e se refere a: “*Preguntaron a Perón cual iba a ser el resultado de las elecciones y el contestó: los radicales van a sacar tanto, los conservadores tanto, los socialistas tanto. El periodista le dijo que había llegado al 100 por ciento y preguntó por los peronistas. A lo que Perón respondió: - Bueno peronistas son todos*” (Miguel Bonasso, *El presidente que no fué*).

Os dois livros não são necessariamente complementares, porém ambos abrem caminho a uma das discussões mais demoradas da historiografia argentina, a continuidade do peronismo como forma de agrupar as massas populares contra proibições e perseguições. Embora os dois os livros tenham origens diferentes – o de James a história social e o de Bonasso, a narrativa jornalística – ambos são boas vias para acompanhar a experiência dos indivíduos e dos grupos sociais na Argentina do último meio século.